



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos da Realidade Brasileira

Atena
Editora
Ano 2020



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos da Realidade Brasileira

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D286	<p>Debates geográficos da realidade brasileira [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-017-9 DOI 10.22533/at.ed.179200405</p> <p>1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 910.03</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “Debates Geográficos da Realidade Brasileira”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e um capítulos a partir de análises, ensaios, relatos e pesquisas de professores e pesquisadores oriundos de diferentes instituições.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento público na área de Geografia, entre outras áreas afins para debater a função social da ciência geográfica, bem como das Ciências Humanas no cotidiano de um país marcado por inúmeras contradições e desigualdades sob a égide de práticas que violam a nossa jovem democracia.

A Coletânea está organizada a partir de alguns eixos temáticos, quais sejam: Ensino de Geografia, Geografia Agrária, Geografia Urbana e Econômica, Cartografia e Geoecologia, Geografia Cultural e Política e Geografia Regional. Tal diversidade revela a necessidade da Geografia para compreensão, e, sobremaneira, transformação da realidade brasileira e suas conexões com o mundo globalizado. Nesse devir, urge refletir e construir teorias que possam desvendar nosso futuro comum.

Assim, os capítulos 1, 2 e 3 versam sobre as possibilidades do Ensino de Geografia, enfatizando respectivamente a Cartografia Tátil, o Trabalho de campo e propostas inclusivas, bem como os desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia.

No segundo eixo sobre Geografia Agrária, os capítulos 4, 5 e 6 tratam dos desafios da construção de um Atlas da Questão Agrária Norte Mineira, a formação territorial da Campanha Gaúcha e a Indústria de beneficiamento de arroz no interior do estado de São Paulo.

O terceiro e maior eixo temático da Coletânea, versa os desafios urbanos e econômicos na contemporaneidade, cujas análises estão presentes nos capítulos 7 a 15 a partir dos seguintes subtemas: reestruturação produtiva no Recôncavo baiano, vulnerabilidade e renda familiar na região imediata de Ituiutaba - MG, consumo, comércio e novos empreendimentos em Timon – MA, gestão territorial urbana em Belo Horizonte – MG, subúrbios de Recife-PE, renovação urbana em Paulista-PE, planejamento urbano e participação popular em Teresina-PI, empresas de publicidade e rede urbana no Brasil e a produção territorial-urbana em Oiapoque-AP.

O Capítulo 16 apresenta uma importante e atual análise sobre a Cartografia do feminicídio em Belém-PA, cujos dados versam sobre o período de 2011 a 2018. Já os capítulos 17 e 18 apresentam as Unidades Ambientais em Santa Maria – RS a

partir de uma revisão da sustentabilidade ambiental e urbana e as estratégias para Educação Ambiental em área de risco na Zona Norte de Recife-PE.

Na sequência o capítulo 19 apresenta uma análise sobre o conflito Sírio em consonância com formação territorial e os desafios políticos e o sectarismo religioso. Enquanto o capítulo 20 apresenta um breve relato sobre o divino, o sagrado e o profano e a relação com os rituais africanos nos países do Mercosul. Por fim, no capítulo 21 discute-se o conceito o nordeste brasileiro a partir de um profícuo diálogo com as teorias de Gilberto Freyre.

Esperamos que as análises e contribuições publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da Geografia em sintonia com a sua função e responsabilidade socioambiental e territorial para construirmos alternativas para transformar a realidade a partir de uma Geografia socialmente engajada.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS: CONFEÇÃO DE MAPAS TÁTEIS COM MATERIAIS ACESSÍVEIS E DE BAIXO CUSTO	
Laís Caroline Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1792004051	
CAPÍTULO 2	15
CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS PERMEADO POR TEMÁTICAS INTERDISCIPLINARES E POR PRÁTICAS INCLUSIVAS DE TRABALHO DE CAMPO	
Maria Solange Melo de Sousa Juanice Pereira Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1792004052	
CAPÍTULO 3	29
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA	
Severino Alves Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.1792004053	
CAPÍTULO 4	37
A CONSTRUÇÃO DO ATLAS DA QUESTÃO AGRÁRIA NORTE MINEIRA E OS DESAFIOS E DISPUTAS TERRITORIAIS	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira Anderson Willians Bertholi Bruna França Oliveira Tayne Pereira da Cruz Walcricio Martins Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1792004054	
CAPÍTULO 5	50
TERRITÓRIOS EM CONSTRUÇÃO NOS RINCÕES DO BRASIL MERIDIONAL: DA COLONIALIDADE E SUBALTERNIDADE, ÀS R-EXISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CAMPANHA GAÚCHA	
Anderson Luiz Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1792004055	
CAPÍTULO 6	61
“INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ EM SANTA CRUZ DO RIO PARDO E SUAS RELAÇÕES ESPACIAIS”	
Reinaldo Luiz Selani	
DOI 10.22533/at.ed.1792004056	
CAPÍTULO 7	72
DINÂMICA TERRITORIAL E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO RECÔNCAVO BAIANO	
Alessandra Oliveira Teles Wodis Kleber Oliveira Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.1792004057	

CAPÍTULO 8 87

RENDA FAMILIAR NA REGIÃO IMEDIATA DE ITUIUTABA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A VULNERABILIDADE SOCIAL

Márcia de Souza Oliveira Paes Leme Alberto

Nélio Paulo Sartini Dutra Júnior

Léia Adriana da Silva Santiago

Lílian Gobbi Dutra Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.1792004058

CAPÍTULO 9 108

SHOPPING CENTER NA AVENIDA PIAUÍ: CONSUMO, COMÉRCIO E NOVOS EMPREENDIMENTOS EM TIMON (MA)

Amanda Maria Pires De Brito

Antônio Cardoso Façanha

DOI 10.22533/at.ed.1792004059

CAPÍTULO 10 120

DEMOCRACIA ELETRÔNICA E GESTÃO TERRITORIAL URBANA EM BELO HORIZONTE-MG

Vandeir Robson da Silva Matias

Matusalém de Brito Duarte

DOI 10.22533/at.ed.17920040510

CAPÍTULO 11 137

DOS ENGENHOS, SÍTIOS E ARRABALDES AO SUDOESTE DO RECIFE CONTEMPORÂNEO

Gabriel Augusto Coêlho de Santana

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040511

CAPÍTULO 12 152

O PROCESSO DE RENOVAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE PAULISTA/PE

Everton Barbosa da Luz

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040512

CAPÍTULO 13 168

NOTAS SOBRE O MODELO DE PLANEJAMENTO URBANO NA CIDADE DE TERESINA: ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO POPULAR

Gilson Barbosa de Sousa

Aline de Araújo Lima

DOI 10.22533/at.ed.17920040513

CAPÍTULO 14 179

ESTRATÉGIA E CORRELAÇÕES ENTRE AS EMPRESAS DE PUBLICIDADE E A REDE URBANA BRASILEIRA

Ronaldo Cerqueira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.17920040514

CAPÍTULO 15	189
REALIDADES FRONTEIRIÇAS: REFLEXOS NA PRODUÇÃO TERRITORIAL-URBANA EM OIAPOQUE – AMAPÁ	
Edenilson Dutra de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.17920040515	
CAPÍTULO 16	209
CARTOGRAFIA DO FEMINICÍDIO EM BELÉM-PA: UMA ANÁLISE DOS CASOS REGISTRADOS ENTRE 2011 A 2018	
Tatiane da Silva Rodrigues Tolosa	
Clarina de Cássia da Silva Cavalcante	
Roberto Magno Reis Netto	
Robson Patrick Brito do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.17920040516	
CAPÍTULO 17	219
UNIDADES AMBIENTAIS PARA SANTA MARIA/RS	
Priscila Terra Quesada	
José Manuel Mateo Rodriguez	
DOI 10.22533/at.ed.17920040517	
CAPÍTULO 18	230
PAISAGEM COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREA DE RISCO NA ZONA NORTE DE RECIFE – PE	
Silvana Paula Soares	
Rodrigo Dutra-Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040518	
CAPÍTULO 19	245
O CONFLITO SÍRIO COMO RESULTADO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL: PODER POLÍTICO E SECTARISMO RELIGIOSO	
Leonardo Johas Petrocelli	
DOI 10.22533/at.ed.17920040519	
CAPÍTULO 20	254
OS VÍNCULOS DO CORPO E DA MENTE: O DIVINO, O SAGRADO E O PROFANO E SUAS RELAÇÕES COM OS RITUAIS AFRICANOS EM PAÍSES DO MERCOSUL	
Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez	
Maurício Ribeiro da Silva	
Cristina Vieira Barbosa, pedagoga	
Gabrielle Pellucio De Felice Lenci	
DOI 10.22533/at.ed.17920040520	
CAPÍTULO 21	258
A REGIÃO NO NORDESTE BRASILEIRO : DIALÓGOS COM GILBERTO FREYRE	
Marina Loureiro Medeiros	
Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040521	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

TERRITÓRIOS EM CONSTRUÇÃO NOS RINCÕES DO BRASIL MERIDIONAL: DA COLONIALIDADE E SUBALTERNIDADE, ÀS R-EXISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CAMPANHA GAÚCHA

Data de aceite: 13/04/2020

Data de Submissão: 02/01/2020.

Anderson Luiz Machado dos Santos

Prof. Dr. Departamento de Geografia da
Universidade Estadual de Maringá

Maringá – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/2964806678332046>

* Artigo referente a tese de doutorado intitulada: **Nos Rincões do Brasil Meridional: des-re-territorialização, subalternidade e r-existência na formação territorial da Campanha Gaúcha**, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Rogério Haesbaert. Uma versão preliminar do mesmo encontra-se publicada nos Anais do XIII Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE).

RESUMO: Este trabalho objetiva discutir os processos de subalternização e as formas de *r-existência* de sujeitos sociais na *formação territorial* da Campanha Gaúcha, tais como camponese(a)s-campeiro(a)s, peões de estâncias, dentre outros sujeitos subalternos que vivem em espaços-tempos denominados de *rincões*, uma expressão e categoria nativa que designa seus *territórios em construção*, situados nos espaços-tempos mais longínquos e invisibilizados desta formação territorial. Por sua vez, para refletir sobre tais processos, primeiramente, apresentamos a interpretação na qual a Campanha Gaúcha é encarada

enquanto *formação territorial* moderno-colonial, na qual se estabeleceu um *regime territorial* sob a hegemonia e dominação do latifúndio pastoril (em referência às estâncias - as grandes propriedades destinadas à produção de gado) e do agronegócio. No centro deste regime está a *colonialidade* (QUIJANO, 2007), enquanto um dispositivo que opera nas múltiplas instâncias de produção da vida humana e em suas relações com os demais entes da natureza. Contudo, seria reducionista restringir a experiência das vidas na Campanha Gaúcha ao referido *regime territorial*. Assim, sob o enfoque do espaço-tempo geográfico, como *esfera de encontro das multiplicidades* (MASSEY, 2005), em caráter historicamente heterogêneo e em *permanente construção*, foi possível perceber que nas contradições do *regime territorial* hegemônico-dominante, vigora a existência de uma multiplicidade de sujeitos, que através da diversidade de seus saberes e modalidades de ação, *r-existem* na medida em que constroem seus territórios, nas margens, fronteiras e interstícios do regime hegemônico-dominante. Desta maneira, no segundo momento deste trabalho, apresentamos a reflexão sobre o papel das territorialidades na construção de um micro-ordenamento territorial dos sujeitos subalternos, presente seus espaços-tempos de trabalho e socialização da vida. Através desses espaços-tempos e de suas relações, os *rincões*

tornam-se *territórios em construção*, segundo os processos de apropriação material e simbólica do espaço-tempo realizada pelos sujeitos subalternos.

PALAVRAS-CHAVE: Território, Campanha Gaúcha, Rincões, Subalternidade, R-existência;

ABSTRACT: This work aims to discuss the processes of subalternization and the forms of r-existence of social subjects in the *territorial formation* of the *Campanha Gaúcha*, such as *peasants-campeiro(a)s*, *peões* from *estâncias*, among other subaltern subjects living in spaces-times denominated corners or *rincões*, a native expression and category that designates these *territories under construction* situated in the most distant and invisible spaces-times of this territorial formation. On the other hand, in order to think about such processes, at first it is presented the interpretation in which the *Campanha Gaúcha* is considered a modern-colonial *territorial formation* where a *territorial regime* was established under the hegemony and domination of the pastoral latifundium (in reference to the *estâncias* - the large estates intended for livestock breeding) and agribusiness. At the center of this regime is the *coloniality* (QUIJANO, 2007), as a device that operates in the multiple instances of human's life production and in its relations with other entities of nature. However, it would be reductionist to restrict the life experience in the *Campanha Gaúcha* to said *territorial regime*. Thus, in the perspective of geographic space-time as a meeting point of multiplicities (MASSEY, 2005), in a historically heterogeneous and in permanent construction aspect, it was possible to understand that, in the dominant hegemonic *territorial regime* contradictions, there is a multiplicity of subjects, who, through the diversity of their knowledge and modes of action, *r-exist* in so far as they construct their territories on the margins, frontiers, and interstices of the dominant hegemonic regime. Therefore, in the second stage, this work presents a reflection on the role of the territorialities in the construction of a territorial micro-ordering of subaltern subjects, present in their spaces-times of work and socialization. Through these space-times and their relations, the corners become *territories under construction*, according to the space-time material and symbolic appropriation processes carried out by subaltern subjects.

KEYWORDS: Territory, *Campanha Gaúcha*, Corners or *Rincões*, Subalternity, R-existence;

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho procura revistar o espaço-tempo da Campanha Gaúcha, porção sul do território Rio-Grandense, reconhecendo-o enquanto parte da *formação territorial* do Brasil Meridional, em sua condição fronteiriça, na medida em que estabelece os limites políticos do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Todavia, nosso olhar se dirige ao seu espaço rural, como um momento fundamental de enunciação

das problemáticas concernentes ao âmbito territorial. Nesse sentido, este trabalho objetiva discutir os processos de subalternização e as formas de *r-existência* de sujeitos sociais que vivem nos *rincões* da Campanha Gaúcha, uma expressão e categoria nativa, que passou a denotar a condição de espaços-tempos específicos, a partir da apropriação material e simbólica pelos sujeitos subalternizados, frente ao regime territorial hegemônico-dominante.

Para discutir tal questão, primeiramente, apresentamos a interpretação na qual a Campanha Gaúcha é encarada enquanto *formação territorial* moderno-colonial na qual se estabeleceu um *regime territorial*¹ sob a hegemonia e dominação do latifúndio pastoril e do agronegócio. No centro deste regime está a *colonialidade* (QUIJANO, 2007), enquanto um dispositivo que opera nas múltiplas instâncias de produção da vida, resultando na subalternização de diversos sujeitos.

Todavia, ao revisitar o espaço-tempo da Campanha Gaúcha sob a perspectiva da *esfera de encontro das multiplicidades, em permanente construção* (MASSEY, 2013 [2005]), foi possível identificar nas contradições do *regime territorial* hegemônico-dominante, a existência de uma multiplicidade de sujeitos, que através da diversidade de seus saberes e modalidades de ação, mais do que resistem, *r-existem* conforme a proposição de Porto-Gonçalves (2006), na medida em que constroem seus territórios. Desta maneira, no segundo momento deste trabalho, apresentamos a reflexão sobre o papel dos *dispositivos de r-existência* - um conjunto multilinear de forças e subjetivações (DELEUZE, 1996), que contribuem na construção de um micro-ordenamento territorial, no qual os *rincões* configuram-se como *territórios em construção* desde uma perspectiva subalterna.

2 | A CAMPANHA GAÚCHA ENQUANTO FORMAÇÃO TERRITORIAL MODERNO-COLONIAL E AS TERRITORIALIDADES SUBALTERNAS

É mister destacar que a expressão Campanha Gaúcha, além de denotar a presença dos vastos campos e coxilhas (relevo suavemente ondulado) meridionais concernentes ao bioma Pampa, conforme consagraram os clássicos trabalhos, desde os viajantes aos geógrafos como Azevedo (1954[2014]), Roche (1958) e Bernardes (1962), também apresenta um caráter político-militar, como atesta Haesbaert (1988).

Além da conotação tradicional com que a denominação *Campanha* é reconhecida, não se deve descartar também um significado militar, já que os comandos da

1 A noção de *regime territorial* empregada, toma por base a perspectiva de Foucault (1995[1982]), na medida em que este explica que um regime de saber-poder é o modo pelo qual o saber circula e faz funcionar as relações com o poder. Desta forma, um regime, sobretudo, hegemônico e dominante, é interpretado em termos de relações de sujeição e subalternização dos agentes no espaço-tempo. Em termos territoriais, esse regime de saber-poder, pode ser aproximado da caracterização feita por Raffestin (1993 [1980]), acerca do *desejo de poder* em uma malha territorial.

governadoria militar do “continente de São Pedro”, com sedes em Rio Grande e Rio Pardo, eram denominados no início do século XIX, comandos de Fronteira ou *de Campanha* (HAESBAERT, 1988 p.32).

Não obstante, é significativo apontar que a expressão Campanha Gaúcha foi incorporada na vida dos sujeitos que à produzem, como representação do viver no espaço-tempo rural, no campo, em suma. Assim, ao dizer “eu sou” ou, “eu venho da Campanha”, está se enunciando, no contexto regional, que se vive no campo, o que exprime um modo de vida e concepções de mundo específicas. Nesta medida, é possível interpretar a Campanha Gaúcha como um conceito/expressão que se traduz em “categoria da prática” conforme o aporte de Haesbaert (2010, 2014), desde seu diálogo com Bourdieu (2005 [1980]), ou seja, como noção do “senso comum” presente nas práticas cotidianas do discurso ordinário. Tal categoria também comporta *termos ou expressões nativas* que permitem, segundo Souza (2013), vias de acesso ao cotidiano dos agentes, conforme a expressão *rincão* se configura.

Por sua vez, interpretar a Campanha Gaúcha enquanto *formação territorial*, pressupõe um deslocamento epistêmico em direção às reflexões sobre as relações entre o espaço-tempo e o poder, tendo em vista que são estas relações que nos conduzem às problemáticas territoriais, pois como afirma Haesbaert (2014 p.43), “quando enfatizamos ou focalizamos esse espaço através de questões ligadas às relações ou práticas de poder (que é também – e às vezes sobretudo – poder econômico), estaremos de alguma forma nos referindo ao espaço enquanto *território*”.

Já Moraes (2000), destaca que cada formação social é também territorial, pois, o desenvolvimento histórico faz-se com e sobre o espaço, de modo que a formação social necessariamente se especializa. Assim, o autor destaca que a apropriação dos espaços e sua subordinação a uma dada dominação política, obedecem a uma lógica societária que permite a identificação de *padrões* (historicamente delineados) (MORAES, 2002). É desta forma, que torna-se possível compreender a objetivação de um *padrão de poder*, termo de Quijano (2000, 2007), em uma *formação territorial*.

A pedra angular desse *padrão de poder* é a *colonialidade*, que segundo Quijano (2007), é um elemento constitutivo e específico do padrão mundial de poder capitalista, fundado na racialização da população mundial e na subordinação dos âmbitos da existência, à uma estrutura articulada em termos de relações de poder. Esses âmbitos são para o autor: 1) o trabalho e seus produtos; 2) a natureza e seus recursos de produção; 3) o sexo, seus produtos e a reprodução da espécie; 4) a subjetividade, seus produtos materiais e intersubjetivos, incluindo o conhecimento; 5) a autoridade e seus instrumentos. Nesse processo todas as formas históricas de trabalho estão a serviço do capital e se articulam em torno do trabalho assalariado; do mesmo modo que nos outros âmbitos, o sexo em relação à família burguesa, a subjetividade em relação à racionalidade moderna-eurocêntrica, a autoridade

articulada ao Estado-nação.

Isto posto, identificamos que na *formação territorial* da Campanha Gaúcha a *colonialidade* produziu um *regime territorial* baseado na apropriação dos recursos naturais (a terra e o gado oriundo da *vacarias*²) na forma de grandes propriedades - as estâncias, áreas destinadas ao aprisionamento do gado, para reprodução e comercialização; pela exploração do trabalho livre, escravo e familiar, subordinado aos interesses econômicos dos estancieiros; por um regime de autoridade sustentado através de relações de domínio pessoal e da violência pelos considerados *senhores da terra*, ante os demais sujeitos sociais; bem como a serviço do Estado territorial em formação no Brasil e na defesa de suas possessões meridionais.

Esse processo, em um contexto de militarização pelo domínio das fronteiras meridionais, conduziu a um modelo de sociedade fundado no *enredamento de relações* (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007), baseadas no racismo, no patrimonialismo, assim como no patriarcalismo e machismo como referências nas relações de gênero e sexualidade; o que gerou um processo de *classificação social*, com a perspectiva de Quijano (2007) permite identificar, entre os considerados *senhores da terra* e os denominados *intrusos*, que passaram a sofrer diversas violações sociais. Dentre estes sujeitos, se situam as populações autóctones, como os povos indígenas das nações Charrua e Minuano, tanto quanto os sujeitos miscigenados que viviam às margens do regime estancieiro, como aqueles que manejavam pequenos rebanhos de gado e dedicavam-se a produção de pequenas lavouras na condição de posseiros, os quais conformaram um campesinato nativo³ da Campanha Gaúcha, como demonstram os trabalhos de Garcia (2005) e Osório (2008).

Por sua vez, esse regime passou por alterações ao longo do século XX e neste limiar de século XXI, em termos de agentes e formas de exercício do poder, sobretudo com o ingresso e a territorialização do agronegócio na Campanha Gaúcha, que configurou um *campo relacional* - segundo a acepção de Bourdieu (2005 [1989]) - que é hegemônico e dominante, dentro de uma leitura gramsciana do espaço-tempo, entre o latifúndio estancieiro e os latifúndios do agronegócio, em suas expressões econômicas, políticas e culturais-simbólicas. Por sua vez, as relações

2 Segundo Kühn (2002), os padres jesuítas que no século XVI haviam implementado nas reduções ao sul do Brasil e Uruguai, a criação de gado (*vacum e muares*), ao abandonar essas áreas, diante dos constantes ataques dos bandeirantes paulistas, deixaram boa parte de seu gado. Esse gado encontrou excelentes condições de sobrevivência nos campos sulinos e se multiplicou, formando um imenso rebanho de gado “xucro” ou “chimarrão” (não domesticado), denominados de *Vacarias*.

3 Consideramos que este campesinato nativo da Campanha Gaúcha, pode ser designado através de suas próprias atribuições e linguagem, como *camponese(a)s-campeiro(a)s*, tendo em vista seu modo de vida alicerçado na *lida campeira* (forma como denominam o trabalho com o gado no campo). Para estes sujeitos, sua *terra de trabalho* é o pedaço de campo nativo que conquistaram, ou usufruem em família nos rincões, via posse, compra, herança, parceria ou arrendamento.

de poder também se transfiguraram na *tecnologia do biopoder*, um poder que age sob as condições de reprodução da vida da população, enquanto espécie, conforme a perspectiva de Foucault (2008 [1978]).

Todavia, essas alterações mantêm os fundamentos do *regime territorial*, que se faz desde a tentativa de extinção e sobretudo, na subalternização de territorialidades outras. Nesse sentido, “os subalternos são aquela parte da sociedade que, sofre o domínio-hegemonia (econômico, político, militar, cultural), dos hegemônicos-dominantes” (BARATTA, 2011 p.168), que se situam em relações de direção e dominação, mando e obediência, hierarquia e subordinação, mas também de resistência (GRAMSCI, 2014[1934]). Esses sujeitos desenvolveram processos de des-re-territorialização como a perspectiva de Haesbaert (2004) permite inferir, às margens e nos interstícios da territorialização estancieira e do agronegócio, o que proporcionou a constituição de múltiplas territorialidades subalternas na *formação territorial* da Campanha Gaúcha.

3 | OS RINCÕES COMO *TERRITÓRIOS EM CONSTRUÇÃO*: A PRODUÇÃO DE UM MICRO-ORDENAMENTO TERRITORIAL

Desejemos neste momento do trabalho, refletir sobre quais os espaços-tempos e relações produzidas pelos sujeitos subalternos para o exercício de suas territorialidades, conseqüentemente, para a reprodução de suas vidas. Nosso trabalho de pesquisa permite inferir que dentre esses espaços-tempos situam-se os *rincões*. Os mesmos compõem os espaços-tempos mais invisibilizados, tornados ocultos e inexistentes pelo regime de poder e de saber, presente na *formação territorial* da Campanha Gaúcha. Situam-se em posições distantes do espaço urbano, encontram-se margeados, atravessados e, muitas vezes, já dominados e/ou controlados pelos grandes proprietários. Todavia, os *rincões* da Campanha Gaúcha podem ser encarados como os *loci* por excelência, de enunciação, luta por visibilidade e força desta multiplicidade de sujeitos que se reproduz em seu interior e que apesar de sua subalternidade, imprimem, pelas relações de *r-existência*, um mosaico de diversidade territorial na Campanha Gaúcha.

Os sentidos que o termo nativo *rincão* denota, permitem recuperar alguns de seus processos de transformação que os levaram a constituir-se em *territórios em construção* para os grupos subalternos. Essa expressão *territórios em construção*, enuncia, por um lado, o permanente processo de tornar-se e desfazer-se desses territórios, sobretudo frente ao *regime territorial* hegemônico-dominante. Por outro, contribui para demonstrar a capacidade de apropriação material e simbólica do espaço pelos sujeitos subalternos. De acordo com Figueiredo (2010[1913]), o termo *rincão* deriva do castelhano *rincón* e denota em seus sentidos: uma *porção de campo*

em volta do qual cresce mato, assim como um *lugar oculto, lugar afastado, recanto*. Essas acepções ressaltam os sentidos mais *absolutos e relativos dos espaços geográficos* (HARVEY, 1980[1973]), na medida em que enfatizam seus aspectos naturais, ou a posição do *rincão* como espaço distante em relação a outros.

Já nas definições regionais de Nunes e Nunes (2010 [1982]), os *rincões* significam: *ponta de campo cercada de rios, matos ou quaisquer acidentes naturais, onde se pode pôr os animais a pastar em segurança; lugar mais ou menos resguardado na Campanha; sinônimo de pagos e de querência*. Nessas definições, mantêm-se os aspectos absolutos e relativos do espaço em questão, mas sua dimensão relacional também é enunciada, como o espaço a ser destinado a ação de pôr os animais em segurança, frente a outros espaços e relações inseguras, tanto quanto representam o “*recanto*” ou, o “*sinônimo de pagos, de querência*”, expressões nativas da Campanha Gaúcha, que enunciam um sentimento de pertencimento ao espaço, pois, *pago* ou *querência* exprimem um espaço onde alguém nasceu, criou-se ou acostumou-se a viver e que desenvolve sentimentos de bem querer, afeição e/ou amor pelo mesmo.

Nesse contexto, as denotações linguísticas contribuem para apreender uma transformação territorial, em que o *rincão* ou o *rincón* do lado castelhano, deixou ser um espaço-tempo destinado ao manejo do gado, por ser resguardado em função de seus atributos naturais, em um momento no qual os limites, o cercamento e a infraestrutura das grandes propriedades ainda não estavam bem definidas. Nesse processo, os *rincões* transformaram-se em um espaço socialmente apropriado pelos sujeitos subalternos que diante da consolidação e expansão do *regime territorial* de estâncias e fazendas, tiveram como destino a ocupação dos fundos de campo em terras devolutas, ou no interior das grandes propriedades, distantes dos primeiros povoados. Também, ocorreu a ocupação das faixas de campo nos *corredores* - áreas situadas entre as cercas de uma propriedade e as estradas em construção pelos estancieiros. Esses processos des-re-territorialização subalterna ressignificaram o papel dos *rincões*.

Por sua vez, consideramos que é através de *dispositivos de r-existência*, que os sujeitos fabricam e recriam o espaço-tempo dos *rincões*, em um sentido mais apropriativo do que dominativo, conforme a perspectiva de Lefebvre (2013 [1974]). Nesse âmbito, há uma espécie de *fabricação*, conforme De Certeau (2014 [1990]), ou seja, um jogo com/contra, presente nas *tecnologias de poder*, que se manifesta através de um uso e um consumo *austucioso* das relações em que estão inseridos, uma *criatividade dispersa (bricolagem)* dos dominados. Esta fabricação constitui os *dispositivos de r-existência* que estão presentes na multiplicidade de *fazer*, *saber* e *sabores* de camponese(a)s, peões e outros sujeitos, presentes nas práticas tradicionais de manejo do campo e do gado, na produção e preparação dos alimentos, no artesanato, bem como nas *relações de troca e ajudas mútuas*

que se estabelecem entre os vizinhos nos *rincões*, sobretudo, diante da situação de abandono pelo Estado e relativo isolamento.

Desta sociabilidade estabelecida nas relações de vizinhança, nas *rodas de chimarrão*, nos encontros nos *bolichos de Campanha*⁴ e, nos festejos populares, emerge uma subjetivação política que se aproxima do que Scott (2013[1990]) caracteriza como *resistência cotidiana*, na medida em que se elaboram *discursos ocultos*, críticos aos sujeitos hegemônicos e dominantes. Esta subjetivação, contribui para a conduta pública dos sujeitos subordinados, jogando forças para manter-se em pé e reinventar seus territórios, diante dos dilemas da subalternidade.

Como resultado destes *dispositivos*, temos a construção de um micro-ordenamento territorial dos subalternos, onde o território assume a condição de *abrigo* (GOTTMANN, 2012 [1975]), a partir da apropriação dos *fundos de campo*, dos *corredores* e *ranchos* (as habitações), onde os *bichinhos* (os animais), a *cacimba* e a *sanga* (pequenas fontes naturais de água), tanto quanto o *campinho* (campo ou a terra de trabalho) são riquezas estratégicas. Porém, este território ocupa uma posição marginal e invisibilizada em relação aos elementos do macro-ordenamento hegemônico-dominante, marcado por *estâncias* e *fazendas*, por *grandes construções e concentrações* (muito campo, gado, monoculturas, negócios e pouca gente) que *centralizam* a formação territorial.

Nele se desenvolvem lógicas espaciais zonais e aglomeradas, pois os *rincões* são encarados pelos seus sujeitos como as *zonas*, ou as *redondezas* em que vivem. Estas *zonas* e *redondezas* formam os espaços próximos dos sujeitos, em que se estabelecem pequenas aglomerações, as *vilinhas* ou os *corredores* habitados. A *vilinha* é um pequeno aglomerado, uma espécie de povoado na vastidão de campos e coxilhas, fazendas e estâncias da Campanha Gaúcha, em que os *ranchos* ou *moradas* estão próximos, é onde se localizam, geralmente, as escolas (quando existem) e os *bolichos* de maior porte, espécies de *sede social*, como aborda Brandão (2009). As *vilinhas* e os espaços-tempos de sociabilidade, podem ser vistos como *nós* conforme as invariantes de Raffestin (1993 [1980]), que compõem o ordenamento territorial. Mas, não possuem uma infraestrutura tal como os chamados *bairros rurais*. Os *corredores* se diferenciam em função dos *ranchos* ou *moradas* estarem mais dispersos, distantes e ao longo de uma estrada vicinal, ou estrada pública, mas não deixam de ser um espaço-tempo construção da sociabilidade.

Desta forma, o *rincão* da Campanha Gaúcha se opõe à *cidade*, que é para os sujeitos o espaço-tempo distante e grande, que frequentam esporadicamente,

⁴ **Bolicho de Campanha:** é uma expressão tradicional-popular, que designa são locais de comércio e lazer, situados à beira das estradas próximos ou interior dos rincões da Campanha Gaúcha, são locais onde se comercializam produtos variados, como alimentos, bebidas, fumo e cigarros. Também são espaços de lazer, onde se realizam jogos e festejos populares. Na contemporaneidade os *bolichos* já não se fazem mais tão presentes nas localidades, seja em função do despovoamento, assim como em função do maior acesso ao comércio e ao lazer urbanos.

sobretudo, para a realização de suas trocas materiais. Por sua vez, este microordenamento, é marcada uma *des-contiguidade* espaço-temporal, em que há uma proximidade das relações socioespaciais dos sujeitos nas áreas limitadas dos *rincões*, porém seus territórios estão fragmentados e pulverizados na vastidão da Campanha Gaúcha. Sua temporalidade se distingue da aceleração urbana, contudo o macro-ordenamento territorial, lhes imputa uma situação de desconexão e relativo isolamento espaço-temporal no contexto da *formação territorial* da Campanha Gaúcha.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A característica elementar dos *rincões* da Campanha Gaúcha, é a sua condição de *marginalidade*, *invisibilidade* e *silenciamento* das vozes subalternas que os habitam, frente a um ordenamento territorial sob a hegemonia e o domínio de estancieiros e fazendeiros. Isso impõe múltiplos dilemas no tocante a viver e se reproduzir nesses territórios. Não obstante, representam a produção de um microordenamento territorial, resultado da des-re-territorialização de múltiplos sujeitos, em uma escala espaço-temporal, desde a *longa duração* conforme Braudel (1990 [1958]), até o presente, ou a *estória-até-agora* (MASSEY, 2013 [2005]), tecida na luta pela reprodução das vidas, através dos *rincões* que se configuram em seus *territórios em construção* numa perspectiva subalterna.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aroldo. As paisagens do Rio Grande do Sul: impressões de uma viagem. In: CARDOSO, E. S.; DAVID, C. (Org.). **A geografia do Rio Grande do Sul em meados do século XX**: retratos do território e da produção da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Porto Alegre: ABG, 2014 [1954]. p.11-18.

BARATTA, Giorgio. **Antonio Gramsci em Contraponto**: diálogos com o presente. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BERNARDES, Nilo. Bases geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, n.171, p.587-620,1962. p.5-29.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 8ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [1989].

BRANDÃO, Carlos. R. **“No rancho fundo”**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: Edufu, 2009.

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: BRAUDEL, F. **História e Ciências Sociais**. 6ªed. Lisboa: Ed. Presença, 1990 [1958]. p.7-39.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (org.). **El giro decolonial**:

reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p.9-23.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014 [1990].

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Ed. Veja-Passagens, 1996. p.85-100.

FIGUEIREDO, Antônio. C de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Edição Livre, 2010 [1913]. 2151p. Disponível em: <<http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>>. Acesso em: Maio de 2019.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995 [1982]. p.229-249.

_____. **Segurança, Território, População**. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARCIA, Graciela. B. **O domínio da terra: conflitos e estrutura agrária na Campanha Rio-grandense oitocentista**. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, v.2, n.3, p.523-525, 2012[1975].

GRAMSCI, Antonio. Caderno 25 (1934) - Às margens da história (História dos grupos sociais subalternos). In: GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere. O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália**. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v.5. p.131-145.

HAESBAERT, Rogério. **RS: latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980 [1973].

KÜHN, Fabio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madri: Capitán Swuing, 2013 [1974].

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013 [2005].

MORAES, Antônio. C. R. **Bases da formação territorial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo. Annablume, 2002.

NUNES, Zeno. C.; NUNES, Rui. C. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. 8ªed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2010.

OSÓRIO, Helen. Formas de vida e resistência dos lavradores-pastores do Rio Grande no período colonial. In: MOTTA, M.; ZARTH, P. A. (Org.) **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história**. (Coleção História Social do Campesinato v.1). São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.43-62.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. W. A reinvenção dos territórios. A experiência latino-americana e caribenha. In: CECENA, A. E. (org.) **Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado**. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p.151-197.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade del poder, eurocentrismo e America Latina. In: LANDER, E. (org.) **La colonialidade del saber: eurocentrismo e ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

_____. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (org.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993[1980].

ROCHE, Jean. As bases físicas e a ocupação do solo no Rio Grande do Sul. **Boletim Paulista de Geografia**, n.28, p.37-69, 1958.

SCOTT, James. **A dominação e a arte da resistência**. Discursos ocultos. Lisboa: Letra Livre, 2013 [1990].

SOUZA, Marcelo L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação pedagógica 15, 17, 18

Amapá 189, 190, 191, 197, 198, 201, 203, 204, 207, 208

Arroz 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

Atlas 37, 38, 39, 48, 49, 86, 127, 134, 136, 183, 187, 218, 253, 269

B

Beneficiamento 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

C

Campanha gaúcha 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Cartografia tátil 1, 2, 3, 4, 13, 14

Cidadania 15, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 123, 127, 129, 131, 136, 193, 215, 236

Cidades-gêmeas 189, 191, 192, 193, 200, 201, 202, 207

Comércio 57, 79, 81, 83, 85, 108, 109, 111, 114, 116, 163

Conhecimentos geográficos 15, 17, 18, 26, 27, 243

D

Democracia 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

Diversidade 15, 17, 19, 25, 26, 27, 33, 39, 40, 50, 52, 55, 60, 94, 101, 200, 243, 260, 268

Docente 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 87, 108, 168

E

Empresas de publicidade 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Engenhos 75, 77, 78, 137, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 150, 151

Ensino de geografia 1, 13, 16, 29, 35, 36, 243, 269

Estágio supervisionado 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

F

Feminicídio 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Fronteira franco-brasileira 189, 199, 201, 206

G

Gênero 54, 94, 174, 209, 210, 212, 213, 217, 218

Geografia agrária 37, 269

Gestão empresarial 179

Gestão urbana 120, 121, 122, 127, 131, 160, 168, 169, 171, 177

I

Influência 72, 74, 78, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 164, 180, 185, 197, 200, 262, 263, 265

Interior 55, 56, 57, 61, 62, 74, 77, 121, 132, 140, 194, 265

M

Mapas táteis 1, 3, 4, 12

Materiais 1, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 39, 53, 58, 73, 152, 153, 155, 156, 158, 162, 190, 195, 231, 245, 246

Mocambos 137, 138, 145, 146, 148, 149, 150, 151

Mulher 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

N

Norte de Minas 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49

O

Oiapoque 189, 190, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208

P

Participação 17, 19, 21, 25, 33, 42, 65, 72, 74, 110, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 156, 158, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 184, 220, 228, 231, 236, 242, 245, 269

Planejamento 38, 64, 85, 116, 117, 119, 120, 128, 129, 133, 136, 138, 157, 160, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 188, 202, 219, 220, 221, 224, 228, 229, 234

Plano plurianual 2018–2021 168

Política 53, 57, 59, 63, 67, 69, 95, 96, 107, 110, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 168, 170, 171, 176, 178, 181, 187, 193, 194, 201, 214, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259

População 24, 44, 53, 55, 59, 63, 64, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 113, 115, 116, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 142, 146, 148, 161, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 183, 187, 191, 193, 197, 198, 200, 213, 221, 231, 233, 236, 238, 241, 242, 245, 246, 250, 251, 265

Produção 1, 4, 12, 27, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 113, 118, 119, 128, 131, 135, 140, 142, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 178, 181, 182, 189, 190, 194, 196, 201, 206, 217, 236, 243, 264

Produção do espaço 27, 85, 89, 118, 128, 152, 153, 155, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165,

166, 178, 189, 201, 206, 217, 243

R

Recife 36, 49, 85, 117, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 165, 166, 183, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 258, 259, 261, 263, 264, 267, 268

Rede urbana 86, 109, 110, 117, 118, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 207

Região imediata de Ituiutaba 87, 88, 90, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106

Renda familiar 82, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 104, 105

Renovação urbana 152, 154, 155, 160, 163, 171

R-existência 50, 51, 52, 55, 56

Rincões 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58

RPA-05 137, 138, 140, 151

S

São Paulo 6, 7, 9, 11, 12, 13, 28, 35, 36, 49, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 85, 86, 107, 117, 118, 119, 127, 134, 135, 136, 138, 141, 142, 151, 154, 166, 167, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 207, 208, 217, 243, 244, 252, 253, 267, 268, 269

Shopping center 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Subalternidade 50, 51, 55, 57, 215

Sustentabilidade 15, 17, 19, 25, 27, 168, 170, 177, 219, 220, 224, 229, 235, 243

T

Território 3, 26, 37, 38, 39, 46, 48, 49, 51, 53, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 85, 86, 110, 123, 127, 131, 135, 137, 140, 145, 154, 164, 167, 171, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 217, 226, 229, 239, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 269

Território-fronteiriço 189

Timon 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119

V

Valorização das raridades urbanas 152

Violência 40, 54, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 247

Vulnerabilidade social 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 104, 105, 106

 **Atena**
Editora

2 0 2 0